



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso

VIRGÍNIA BORGES DOS SANTOS

**ROTEIRO PARA O DOCUMENTÁRIO
CAMAFEU DE OXÓSSI**

Salvador
2010.1

VIRGÍNIA BORGES DOS SANTOS

**ROTEIRO PARA DOCUMENTÁRIO
CAMAFEU DE OXÓSSI**

Memória apresentada ao Curso de graduação em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof^o Umbelino Brasil.

Salvador
2010.1

A

Minha família que me apoiou para realização deste projeto.

3

AGRADECIMENTOS

Aqueles especiais...

A Maria Luiza e Evangivaldo, meus pais, pela confiança e por terem acreditado nos meus projetos incentivando e orientando para que buscasse os melhores caminhos.

A minha família, especialmente a Tia Toninha, que disponibilizou-se a ajudar-me com meu projeto, todas as vezes que recorria as suas preciosas recordações.

A minha tia Valnísia, pela força cedida em todos os momentos da minha trajetória acadêmica, e pelo acolhimento.

A minha madrinha Fátima pelo entusiasmo com o meu ingresso a Universidade Federal da Bahia.

A Umbelino Brasil, meu orientador, pela paciência, confiança e principal incentivo para escolha deste projeto.

A minha amiga Thiana Pereira, por ter auxiliado na revisão da estrutura e sumário do trabalho.

A meu amigo Marcello Eloy, pela ajuda com a cópia dos vídeos, pelas longas conversas, e por disponibilizar seu tempo para ajudar.

A Faculdade de Comunicação da UFBA, por me proporcionar uma bagagem cultural e a todos os companheiros conquistados durante minha trajetória.

Muito obrigada a todos que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização deste projeto.

No Itamaraty, informam: ele é o maior conhecedor da Bahia.
“Ninguém toca berimabu no Brasil como ele”, afirma Dorival Caymmi.
“Um crioulo genial”, diz Jorge Amado.

Sumário

1. Apresentação	7
1.1- Justificativa	8
2. Tema	10
2.1 Sobre documentário	10
2.2 Roteiro de documentário	12
2.3 Sobre Camafeu e Oxóssi	14
3. Considerações Finais	16
5. Referências Bibliográficas.....	17

1. Apresentação

O objetivo dessa memória é reunir informações sobre o processo de criação do roteiro para o documentário “Camafeu de Oxóssi”, desde as principais motivações que levaram a idéia do tema, até a finalização e proposta de roteiro.

A princípio, o objetivo era apresentar a biografia de Camafeu de Oxóssi como uma espécie de livro reportagem, sendo mais tarde a idéia substituída pelo meio audiovisual. A aproximação desse formato, mas especificamente o cinema, teve seu primeiro momento com a minha trajetória na Universidade Federal da Bahia, através da Faculdade de Comunicação, na disciplina de audiovisual onde foi possível passar por três etapas: noções de fotografia, com professor José Mamede, roteiro para TV, com Ana Paula Guedes, cinema com professor André Setaro e documentário com professor Francisco Serafim. Sendo todas as experiências bastante enriquecedoras, através delas pude ter contato com as obras cinematográficas, e grandes autores, os quais contribuíram para uma ampliação no aprendizado da linguagem cinematográfica. Contudo, para o curso de produção cultural, contar com professores da área, da qual já possuía um interesse, foi um catalisador para que este tipo de idéia e criação artística pudesse ser desenvolvido.

Durante a disciplina de Oficina de Projetos Culturais, ministrada pelo professor Umbelino Brasil, decidi que utilizaria o projeto Camafeu de Oxóssi como trabalho de conclusão de curso, pois haveria mais tempo para a elaboração da proposta.

Acredito que este trabalho, por ser da autoria de alguém próximo a família do personagem principal, pode trazer proveito, mas desvantagens também. Há vantagem devido às facilidades de acesso, tanto aos dados para pesquisa (materiais escritos fotografias etc.), como os entrevistados. No entanto, há que se ter o devido cuidado na análise daquilo que deve ser mostrado para compor o roteiro, sem deixar-se influenciar pelas referências afetivas, ou seja, buscar quando necessário a imparcialidade naquilo que deverá ser apresentado.

Portanto, a relevância dos fatos relatados precisa ser valorizada como uma espécie de contribuição à memória cultural de uma determinada época.

1.1- Justificativa

O trabalho pode ser justificado pelas diversas possibilidades de criação que o tema propõe, tendo em vista que traz em destaque o personagem Camafeu de Oxóssi dentro do cenário e do ambiente cultural da cidade do Salvador, já que aqui são evocados aspectos de uma determinada época, na cidade da Bahia. Outro aspecto é que o produto Camafeu narra uma história real, que ganha relevância no momento em que encontra nos materiais de arquivo valorização, relatos de um determinado período histórico importante para cultura baiana.

Este projeto agrega um registro de memórias diferenciado, proveniente de fatos considerados fidedignos, os quais podem ser comprovados e narrados por fontes que estiveram próximas do personagem (principalmente familiar), portanto conheceram sua história de vida, podendo ser comprovada através da oralidade, de documentos, fotografias, entrevistas e não há como se criar um perfil do mesmo que não seja fiel a sua biografia.

Os materiais que disponho são fotografias originais, e de diversas épocas, como por exemplo, Camafeu no restaurante ao lado de amigos como Jorge Amado e Caribé, às quais pude ter acesso facilmente, já que eram conservados pela esposa de Camafeu. Outras fontes de pesquisas fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho foram revistas e jornais. As revistas REALIDADE (1974) e O CRUZEIRO (1970) reúnem matérias especiais de três a quatro páginas, ambas dedicadas a descrever Camafeu, o ambiente onde vivia, sua personalidade, e outras atribuições dadas a ele, características daquele período, como o título de “maior tocador de berimbau” do Brasil.

Foram necessárias longas conversas com pessoas que conheceram Camafeu ainda em vida, como sua esposa, uma das principais fontes, já que Camafeu não tinha vivos parentes próximos. No entanto, o material mais robusto da pesquisa estava mesmo nos arquivos pessoais. Inclusive os Jornais com os quais trabalhei, tais como, o *The Brazillian Gazette*, e o Jornal da Bahia em que trazia uma matéria sobre culinária

baiana, onde Camafeu foi entrevistado pelo fato de ser dono de um dos restaurantes mais frequentados na época.

Selecionei pessoas para falar sobre convivência e as lembranças que tem de Camafeu de Oxossi. No Mercado Modelo, por exemplo, ainda existe a barraca de propriedade da família, além de muitas amizades da época: o atual proprietário do restaurante Camafeu de Oxossi, também a esposa de Camafeu, os vizinhos mais antigos, o cantor Martinho da Vila, o dono do restaurante no Pelourinho Cantina da Lua, Clarindo Silva. A pesquisa será focada nos depoimentos os quais contribuirão para a construção do produto

As pesquisas foram o caminho mais longo a ser percorrido, até que pudessem ser sistematizadas todas as informações e a partir desde momento a adequação ao roteiro.

2. Tema

A decisão de transformar a vida de Camafeu de Oxóssi em documentário surgiu do desejo de catalogar uma quantidade de fotografias, documentos, revistas, de forma a conservar este material, para além das gavetas e de alguma maneira poder disponibilizá-lo.

A idéia de um documentário para abordagem deste tema foi movida inicialmente por desejos pessoais, principalmente pela preferência ao meio audiovisual, estimulado durante o meu ingresso na Faculdade de Comunicação, e sendo potencializada em seguida pelo interesse que demonstrou ter o professor orientador – Umbelino Brasil.

Para a viabilização do trabalho e sua fundamentação teórica foi necessário investigar determinadas questões em torno da produção do documentário. Descobri que quando se trata da produção cinematográfica do gênero documentário, há uma associação imediata com o que diz respeito à realidade, independente do fato ou compromisso assumido pela sua temática.

2.1 Sobre documentário

Um dos caminhos seguidos foram investigações sobre o estatuto de verdade e realidade atribuída ao documentário. Esta atribuição advém da proximidade com o telejornalismo, com programas de reportagem (adoção de perguntas abertas, fechadas, híbridas, voz off, etc.), conservando, porém a característica principal do cinema direto, no qual não havia muitas intervenções da equipe, era tido como um modelo observacional. No entanto, o cinema documental tem a responsabilidade do registro de memórias, ou seja, este gênero enquanto fonte histórica.

Apesar de acreditar que o documentário possa fornecer informações sobre uma dada realidade, é importante relativizar sua objetividade e seu conceito de verdade. Segundo Eduardo Coutinho (2004 p.13):

A verdade da filmagem significa revelar em que situação, em que momento ela se dá – e todo o aleatório que pode acontecer nela. (...) É importantíssima, porque revela a contingência da verdade que você tem (...) revela muito mais a verdade da filmagem que a filmagem da verdade, porque inclusive a gente não está fazendo ciência, mas cinema.

Quando Coutinho se refere a “contingência da verdade que você tem”, ele dialoga com o que Penafria diz da relação entre o realizador e a obra de arte, onde o mesmo inscreve sua visão de mundo e procura ser fiel a ela, relação para além dos documentários ditos biográficos, ou autorais. Isto, nos documentários, é bastante evidente, sobretudo pela predominância do ponto de vista do diretor e pela defesa de uma tese proposta por ele. Assim, vejamos o que diz o documentarista João Moreira Salles¹ (Folha: 2001):

Da mesma forma que estou disposto a ler qualquer livro de, digamos Calvino, porque é de Calvino, verei qualquer filme do Coutinho, porque é de Coutinho. Não importa o assunto: o que eu quero de um filme do Coutinho é saber como ele, Coutinho, percebe a realidade. Um documentário ou é autoral ou não é nada.” Assim, o documentário também busca imprimir as marcas do realizador, o que aponta para o seu ponto de vista.

Outro aspecto apontado no documentário é a apresentação de personagens comuns, ao quais compartilham de histórias do cotidiano. Para Certeau, “cotidiano” é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha). Aproxima-se do que Stuart Hall em *Representation* dizia da cultura, como sendo sempre partilhada. Assim temos que intervenientes, costumam trazer referências e culturas, muito próximas do cotidiano, experiências de vida, e às apresentam através da oralidade dentro do filme documentário. Porém, para que isto ocorra, é necessário que o documentarista esteja sempre aberto a receber informações, que advém dos intervenientes. (PENAFRIA, p. 7, 2001). Não é pelo fato de o documentário ser na maioria das vezes porta voz de idéias de seu realizador, bem como, sua visão de mundo, que se constitui como uma obra unidirecional, as informações dos intervenientes também são válidas.

¹ João Moreira Salles, Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=10>. Acesso em: 11/03/2009

Um documentário não é apenas do documentarista nem dos intervenientes, também é dos espectadores. Deve entender-se o documentário como um filme que resulta de um processo que envolve tanto a perspectiva do documentarista, como o confronto dessa sua perspectiva com a das pessoas envolvidas diretamente no filme. A este respeito Bernardet (1984), destaca que a preocupação que orientou seu livro, é que os cineastas tenham colocado a questão do outro, o que não significa mostrar interesse pelos outros, em especial no que diz respeito aos indivíduos das outras classes sociais

2.2 Roteiro de documentário

A princípio o trabalho incluía a realização das filmagens, como uma das etapas. Porém, optei apenas pelo roteiro, devido à impossibilidade neste período de inclusão no edital de financiamento (suporte financeiro) que é uma das metas e pelo tempo que dispunha para realizá-lo.

A proposta de roteiro para documentário é uma das principais etapas do processo. Segundo Sérgio Puccini (2009), a proposta de roteiro é uma espécie de cartão de visitas do realizador que será apresentado aos prováveis financiadores do projeto. Entendemos que a produção documentária é cara, portanto encontra-se nos patrocínios ou editais subsídios com os quais podemos contar.

Com a leitura de Puccini foi importante entender que o roteiro para documentário pode ser previamente concebido, apesar de alguns autores afirmarem que este gênero dispensa a utilização de roteiros, exceto no caso de roteiros de ficção. O autor descreve todos os passos para a construção de um roteiro no formato documentário.

A oposição a construção do roteiro para o gênero documentário ocorre pela simples razão de que falar em roteiro de filmes significa dizer: “roteiro para filmes de ficção”. Já que todos os critérios que regem a escrita de um roteiro servem quase que exclusivamente para o filme de ficção que é o gênero dominante da prática da indústria cinematográfica.

Apesar desse estado de coisas, a partir de 1976², começaram a surgir os manuais de roteiro que passavam a discutir e a deslocar para um campo de conhecimento endógeno, ou seja, criando uma forma própria de escrever roteiro para documentário. Nos anos 1920 a 1950 o gênero documentário se apoiava nas mesmas regras estabelecidas para a feitura do filme de ficção, e até criou-se um estilo que ficou reconhecido como “documentário clássico” no qual era calculada simetricamente a planificação das filmagens e a sua articulação com a montagem.

As regras de elaboração de um roteiro para documentário eram tão severas que dois dos mais importantes realizadores brasileiros Alberto Cavalcanti e Vladimir Carvalho dão exemplos diretos da preparação e da realização de um documentário regido desses critérios. Cavalcanti, no seu livro *Filme e Realidade*, fazia indicações aos que pretendiam filmar: “Não negligencie o seu argumento, nem conte com a chance durante a filmagem quando o seu argumento está pronto, seu filme está eito, apenas, ao iniciar a sua filmagem, você recomeça novamente. Carvalho, por sua vez atesta esse método e exemplifica com as filmagens de *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1960) um dos documentários clássicos do cinema novo. Diz Carvalho: ‘Aruanda tinha o que os russos chamariam de “roteiro de ferro”, uma agulha que cai no chão está contemplada naquelas colunas... A gente falava: “Vamos trabalhar hoje no livro caixa” porque tinham aquelas colunas: número do plano, ação do plano, enquadramento... e era um documentário”³.

A reação a esses dogmas foram colocadas e postas em prática tanto por teóricos como por realizadores que levaram em consideração a seguinte premissa: a produção de um documentário deve ser regida por leis próprias. Isso quer dizer que um realizador-roteirista de documentário deve ter o máximo de flexibilidade na construção do seu trabalho. Aliado a isso, surgir nos anos 1960 uma nova tecnologia de câmeras mais leve e de gravadores de som portátil que veio permitir e possibilitar todos os mecanismos de flexibilização da feitura do filme documentário.

Assim, o roteiro do documentário tornou-se maleável e fez surgir um novo conceito, do cinema direto ou cinema verdade e cineastas como o americano Roberto Drew – autor de *Primary* (1960) e *Crisis* (1963), marcos do chamado cinema direto. Mais notório nesse campo é o francês Jean Rouch que radicalizou de tal forma a qualidade do que é flexível na realização do documentário que chegou ao extremo de

² Ver Sergio Puccini. Roteiro de documentário. Da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papirus, 2009.

³ Apud Sergio Puccini, op. cit., p.175

não ter nenhuma forma de roteiro prévio, algo que antecederesse as filmagens fosse de maneira perambular, introdutória ou preliminar. Dessa forma, vários realizadores em várias partes do mundo passaram a seguir à risca esse novo modo de produção. Conforme Sérgio Pucinni:

Essa ausência de roteiro, às vezes valorizada e defendida naquilo que seria a diferença principal entre documentário e ficção, antes de ser um facilitador contribui para gerar dúvidas freqüentes entre aqueles que buscam iniciar carreira como documentaristas. Afinal, como se organiza um filme documentário?⁴

2.3 Sobre Camafeu e Oxóssi

Camafeu recebeu este nome por causa de duas histórias que contava, sempre que lhe pediam. Em uma delas, ainda era garoto vivia nas ruas como a maior parte dos meninos que costumava andar. Foi assim que encontrou a pedra verde, semelhante à jóia, o “camafeu”. Acontece que na mesma época, na programação do cinema Olímpia havia um seriado muito apreciado entre os garotos, que se chamava “Camafeu Amarelo”. O personagem do filme tinha muita sorte e se saía bem em várias situações. Portanto, viram no garoto Ápio Patrocínio uma verdadeira semelhança com o personagem do filme e logo pôs nele o nome de Camafeu, ele, guardião da pedra verde, também tinha bastante sorte, principalmente nas brincadeiras de infância. Camafeu, sobrinho de mãe Aninha, uma das representantes do Candomblé no Terreiro Opô Afonjá, conhecedor da história do Oxóssi, já o admirava e considerava seu guia.

Divindade descrita por Pierre Verger, em seu livro Orixás, como guerreiro da nação Ketu, Oxóssi é cultuado no Brasil principalmente na Bahia sincretizado como São Jorge, e no Rio de Janeiro como São Sebastião. A importância de Oxóssi na África,

⁴ Op. cit. p. 177

devia-se a diversos fatores: um deles era de ordem material, pois, como protetor dos caçadores, tornava suas expedições eficazes, delas resultando caça em abundância.

Para Camafeu, era o orixá Oxóssi quem lhe protegia dos perigos e o fazia vencer nas adversidades. Desse modo, inicia-se no candomblé, frequenta o terreiro Ile Axé Opô Afonjá, onde recebe um título honorífico de obá de Xango, um dos protetores do terreiro.

O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado que quando vivo, estabelece controle sobre certas forças da natureza, tais como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou mesmo sobre certas atividades como caça, o trabalho em metal, ou ainda sobre conhecimento das virtudes e da utilização das plantas.

Camafeu, quando retorna da cidade de Dakar na África, em 1964, trouxe para o Brasil sementes de *Aridan* e as plantou em sua pequena chácara na cidade de São Gonçalo do Campos. *Aridan* é uma árvore de origem africana bastante utilizada nos rituais do candomblé. É considerado pelo povo de santo como fruto sagrado "ewe orixa", sendo utilizada nos ritos de orixás como exu, ogum, oxum entre outros. Segundo Verger, na África esta planta tem o mesmo nome que é utilizado no Brasil e é utilizado nos rituais, de forma benéfica também no combate a bruxarias.

3. Considerações Finais

A realização do projeto de roteiro no documentário Camafeu foi importante para entender como são relevantes a coleta de informações, o depoimento, e embora não dispunha de material audiovisual suficiente já gravado, os materiais escritos são fundamentais para esta etapa. Outro elemento importante durante todo o percurso, e no desenvolver do projeto, que se configura como um desafio para o aluno da graduação, que constrói um produto desta natureza, foi a administração do tempo. Tornou-se necessário seguir o cronograma de atividades, sob o risco de sacrificar as etapas e os prazos que precisavam ser seguidos.

Algumas dificuldades foram encontradas até que se pudesse chegar ao formato adequado do projeto escrito, o qual conseguimos compreender após diversos encontros sob a orientação do professor. Talvez a maior dificuldade tenha sido em compreender que o roteiro de documentário tem determinadas particularidades, uma delas foi entender que este não é algo fechado, completamente concluído, conforme acontece com os roteiros de ficção.

O Camafeu pode proporcionar a apreensão de novos saberes, tendo em vista que se constitui como primeiro projeto neste formato construído pela aluna Virgínia Borges, e que tem pretensões de execução, para além de um trabalho teórico, mas também prático. O projeto é uma conquista, pois teve seu objetivo alcançado, e uma realização pessoal, pelo desejo de torná-lo possível e pela experiência que concedeu.

5. Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FILHOS DE GANDHY. Disponível em: < <http://www.bahia-online.net/filhosdegandhy.htm>> Acesso em: 20 de maio de 2010.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representation and signifying practices*, London, Sage, 1997.

LIMA, Julia L. *O Cinema Documentário e seu Estatuto de Verdade*. Subprojeto vinculado à pesquisa *Texto Fílmico Informação e Memória*, UNIRIO, 2005.

LINS, Consuelo. *O Documentário de Eduardo Coutinho, televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PENAFRIA, Manuela. *O Ponto de Vista no Filme Documentário*. Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=10> Acesso: 15 de maio de 2008.

PIERRE VERGER. Disponível em:< http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Verger>. Acesso em: 20 de maio de 2010.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de Documentário: Da Pré-Produção à Pós-Produção*. Papyrus. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=10> Acesso: 15 de Mai. 2008.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro. Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S.A. ANO XLVI-20 de novembro de 1974- Nº 47.

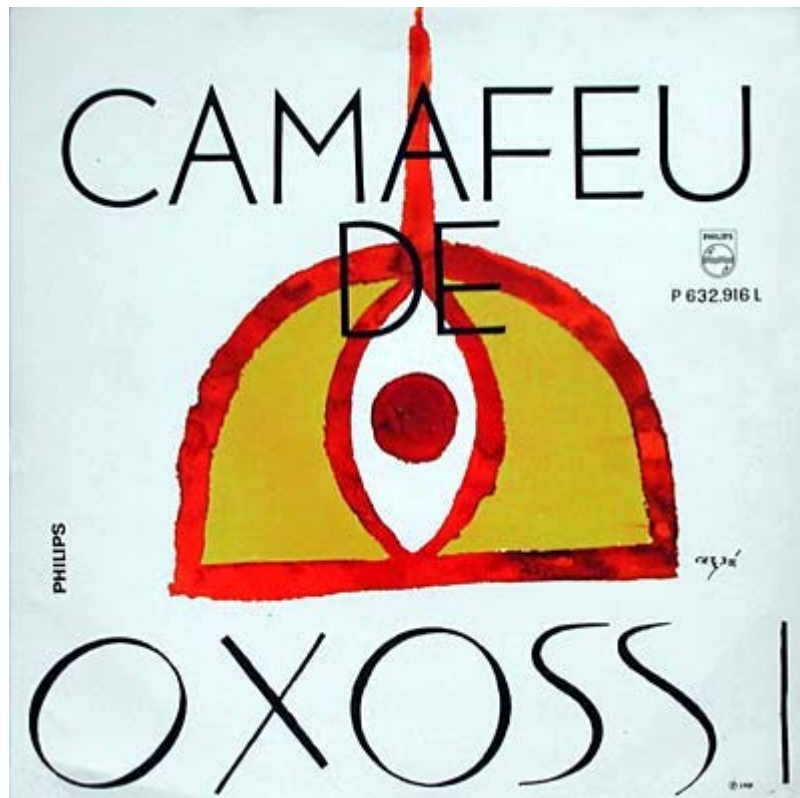
REVISTA REALIDADE. Rio de Janeiro: Editor Abril- ANO IV-Nº 46. Publicação mensal. *As Crianças Julgam os Adultos*, Janeiro, 1970.

VERGER, Pierre. *Orixás*. Salvador, BA: Corrupio, 1995.

CAMAFEU DE OXÓSSI

VIRGÍNIA BORGES DOS SANTOS

Copyright 2010 por Virgínia Borges dos Santos
Todos os direitos reservados



Camafeu

*No Itamaraty, informam: ele é o maior conhecedor da Bahia. "Ninguém toca berimabau no Brasil como ele", afirma Dorival Caymmi.
"Um crioulo genial", diz Jorge Amado.*

1. Visão Original

O documentário **Camafeu de Oxóssi** tem o intuito de mostrar a trajetória de vida do compositor e solista de berimbau, Àpio Patrocínio da Conceição - **o Camafeu de Oxóssi** -, e fazer uma representação da sua história, que foi assinalada por fatos que deixaram uma forte impressão e uma bela recordação da sua figura: “*Eu fiz de tudo. Fui lutador de boxe, engraxate, calafate, estivador, vendedor de verduras... Fui diretor de Cântico das primeiras Escolas de Samba da Bahia: Deixa Falar, Embaixada do Amor, Gato Preto, Vizinhaça Faladeira, além dos Filhos de Gandhi*”⁵.

Camafeu de Oxóssi destacou-se como uma personalidade baiana, por sua atuação e popularidade, tanto assim que um dos fatos significativo foi representar, no ano de 1964, a Bahia e o Brasil, no Senegal a convite do Itamaraty. Participou do Primeiro Festival de Arte Negra, junto com duas das mais expressivas cantoras da música popular brasileira: Elizeth Cardoso e Clementina de Jesus, além de outros artistas negros.

O discurso narrativo do documentário **Camafeu de Oxóssi** será estruturado nas estórias vivenciadas pelo personagem, descrevendo desde a infância, passando pelo período da adolescência até chegar à fase adulta quando ele se torna o barraqueiro mais conhecido do Mercado Modelo e dono de restaurante, cujo nome do espaço foi preservado até os dias de hoje, e ao mesmo tempo se torna uma das mais expressivas figuras da cultura popular e negra da Bahia.

O documentário pretende enfatizar as suas amizades da época, os seus encontros com artistas, intelectuais e pessoas comuns que foram fundamentais para o enriquecimento do seu caminho. Além disso, deve o filme descrever o papel, por ele, encenado, de propagador da cultura baiana e africana.

O filme terá como fio condutor do seu retrato o depoimento da sua esposa Antonia que o acompanhou durante 40 anos e fez parte do ciclo mais

⁵ Entrevista de Camafeu de Oxóssi a Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1974 pp.

importante da sua vida e, também, de amigos e companheiros que desfrutaram da amizade de **Camafeu de Oxóssi**.

Àpio Patrocínio da Conceição nasceu no bairro de Gravatá no ano de 1915 e se criou entre o Maciel e o Pelourinho. No ano de 1964 gravou um disco de solos de berimbau e vocal, e 1976 assumiu a presidência do grupo Filhos de Gandhi, ficando no cargo até o ano de 1982. Foi dono do restaurante “Camafeu de Oxóssi” e de quatro barracas no Mercado Modelo, as quais eram bastante procuradas, principalmente, por turistas e visitantes ilustres que eram levados ao local pelo escritor Jorge Amado e pelo artista plástico Carybé. Camafeu é citado nos romances de Jorge Amado: *O sumiço da Santa*, *Pastores da Noite* e *Dona Flor e seus dois maridos*.

Desse modo é que foi adquirindo prestígio, e se tornou uma referência da cultura na Bahia. “O homem do berimbau, do samba, e do candomblé”. (CRUZEIRO 1974, p.152). Camafeu estudou a língua Iorubá, durante quatro anos, no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Frequentava o terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, de Mãe Senhora. Obá de Xangô, adepto inabalável, do candomblé, enfrentava as mais difíceis situações de vida com otimismo e sempre com a certeza de “que as coisas vão melhorar”.

O documentário visa à valorização da sua memória, sua relação e imersão na cultura africana, desde o aprendizado e interesse pela língua Iorubá, a capoeira, o candomblé e a culinária. Entender como Camafeu inicialmente dedicando-se ao comércio, transforma-se no barraqueiro mais popular do Antigo Mercado Modelo, e torna-se artista conhecido internacionalmente, como citado nos principais periódicos da época, a saber, o ***The Brazillian Gazette***-(year 1, nº1 London and New York, November 1973, p.13) “Harlow Hears Brazil”, ***Revista O Cruzeiro*** “Camafeu de Oxossi Rei do Folclore Baiano” (20-11-1974), ***Jornal da Bahia***, “ Comida da Bahia Só Faz Bem ao Coração” (Salvador, 13-07-1972) ***Caderno 2- Jornal A Tarde*** (03-12-1989)- “Coluna Sociedade”.

Camafeu referenciado como inspiração do escritor baiano Jorge Amado, de quem foi próximo, devido à semelhança com alguns personagens seus, chegando até mesmo ser considerado “personagem vivo” do escritor, no ano de 1976, pela revista *Fatos e Fotos Gente*, e por ter sido literalmente

mencionado em alguns livros (citados) de Amado, como, por exemplo, em “Bahia de Todos os Santos”,

“Camafeu de Oxóssi, Obá de Xangô, solista de berimbau de capoeira e proprietário da Barraca São Jorge, aberto em riso, cercado de objetos rituais, de obis e orobôs, ensina mistérios da Bahia às loiras turistas de São Paulo ou Nova Iorque. A cortesia é grande, o saber maior, o preço barato. Se lhe pedirem, ele tomará do berimbau e tocará... No Mercado, em meio a seus orixás, aos colares e às figas, queimando o incenso purificador, rindo sua gargalhada, saudando São Jorge, Oxossi, rei de Ketu, o grande caçador, Camafeu comanda a música, o canto e a dança. Um baiano dos mais autênticos, um dos guardiões da cultura popular.”
(**AMADO, Jorge**. *Bahia de Todos os Santos: Guia das ruas e mistérios de Salvador*).

Camafeu é um dos personagens do documentário “**Na Casa do Rio Vermelho**” (Fernando Sabino e David Neves, 1974) que mostra a rotina de vida do escritor Jorge Amado, com a narração do ator Hugo Carvana. Numa das cenas do filme, Camafeu surge ao lado de Jorge, no restaurante do Mercado, enquanto um trecho da voz off diz: “... no Mercado Modelo continua a encontrar velhos amigos e a fazer novos como sempre, os outros, são homens do povo, como Camafeu de Oxóssi já consagrados como personagens seus...” Isto adensou ainda mais a história em torno de **Camafeu** enquanto baiano “legítimo”.

No documentário “**Afoxé Filhos de Gandhi**” (Lino Almeida, 2005), que tem uma história muito bonita, descreve o bloco que herdou alguns pilares muito particulares como a herança do movimento sindical. Este aspecto está focado no começo da sua narrativa, através de depoimentos dos fundadores e de imagens que mostram a vida na zona portuária da cidade. O documentário ressalta que a força de trabalho nos anos 1940 era formada basicamente por descendentes de ex-escravos, que tinham o candomblé como religião. Daí o binômio natural que deu feição ao Gandhi, cujos integrantes foram buscar nas mensagens de Mahatma Gandhi - assassinado em 1949 - um paralelo na luta contra o preconceito que reinava na cidade do Salvador, e que bania os afoxés

para bem longe do carnaval da elite branca. **Camafeú de Oxóssi** foi um dos aguerridos participantes do Afoxé Filhos de Gandhi.

Camafeu morreu em 1994, sepultado no cemitério da Ordem Terceira da Igreja de São Francisco, no seu funeral foram entoadas orações católicas e do candomblé, cantadas pelo pai de santo Luis da Muriçoca, reconhecido, também, como notório artista plástico baiano.

2. Conceito do projeto de documentário

Na cidade do Salvador encontramos diversas possibilidades de se desenvolver um produto de cunho cultural e artístico, do ponto de vista simbólico e também da criação, tendo em vista seu passado e os fatos históricos que aqui ocorreram, e que continuam sendo produzidos, agregando ainda mais valor e representatividade para a nossa cultura.

O interesse em produzir um documentário de gênero biográfico surge desta e com esta perspectiva. Na biografia de **Camafeu de Oxóssi** encontramos um exemplo de homem simples, “... ingênuo, que gostava de ajudar as pessoas” (Revista O Cruzeiro, 1974). Artista que nos deixou um legado de aprendizagem: “eu podia ser hoje um marginal. Mas felizmente não me perverti, porque desde criança meu pai me ensinou que a arma do pobre é o procedimento” (Revista O Cruzeiro, 1974).

Camafeu de Oxóssi tornou-se um representante legítimo da cultura da baiana, considerado na época como o maior repentista de samba. Sua fama se propagou no Mercado Modelo, se espalhou por toda Bahia, pelo Brasil, chegando até outros países. Enquanto barraqueiro Camafeu iniciou o comércio de artigos regionais, que fez do Mercado a própria síntese das coisas da Bahia. Espaço descrito pelo escritor Jorge Amado “onde podiam ser vistos o pescador, a filha de santo, o pintor Carybé, o passista de Afoxé, o governador do Estado, a turista loira e esnobe, Pierre Verger”, a frase resume o Mercado Modelo como um território de saber e mistério.

A idéia formal do documentário **Camafeu de Oxóssi** está sedimentada no material pesquisado e coletado (conforme consta anexo CD-ROM) sobre histórias protagonizadas por Camafeu ainda em vida. Portanto, trata-se de fatos reais que buscam contribuir com um documento audiovisual de relevância para a cultura da Bahia.

Um exemplo que ilustra possibilidades semelhantes a esta pode ser encontrado em **Abdias Nascimento: Memória Negra (2001)**, longa metragem de Antônio Olavo, que reúne a trajetória de Abdias Nascimento, considerado

internacionalmente como uma das mais importantes personalidades brasileiras do século XX, propondo a valorização da sua memória para as próximas gerações e relevância também para o Movimento Negro na Bahia e no Brasil. Tomando como referência Abdias, o interesse é a construção de um material audiovisual de registros dos acontecimentos marcantes na vida de seus personagens, e que possuem valor histórico, além do fato de o longa também contar com uma rica utilização de material de arquivo, fotografias antigas, recurso que será utilizado, também, no presente trabalho.

3. Eleição e descrição do(s) objeto(s)

Através da contribuição daqueles que foram próximos de Camafeu de Oxóssi, ou mesmo que conheceram seu trabalho, além da valorização da sua memória e do que construiu durante a sua trajetória, é que será traçado o perfil do personagem. O discurso e o percurso do personagem seguem o mesmo trajeto que ele vivenciou durante a sua vida na cidade do Salvador da Bahia.

3.1 Personagens reais

Antônia, esposa de Camafeu, além de pessoas que irão falar sobre a convivência e as lembranças, algumas amigadas da época, os vizinhos mais antigos. Deve ser o fio condutor da narrativa do documentário.

3.2 Lugares / paisagens

Centro Histórico de Salvador, Baixa dos Sapateiros, Casa de Camafeu, Mercado Modelo de Salvador, Chácara Camafeu de Oxóssi em São Gonçalo.

3.3 Produtos imateriais da ação humana (memória)

Depoimentos e relatos de vários artistas e pessoas que conduzirão a construção de todo o roteiro/documentário. O cantor Martinho da Vila, Clarindo Silva, proprietário do restaurante Cantina da Lua, e Agnaldo Silva, o atual presidente do Bloco Filhos de Gandhy e outros artistas devem complementar o perfil do personagem.

3.4 Materiais de arquivo

Uso de cenas constando de fotografias, documentos (cartões postais, certificados, convites), revistas e jornais, material audiovisual, imagens de lugares como, por exemplo, do antigo Mercado Modelo, e do Pelourinho.

4. Eleição e justificativa para as estratégias de abordagem

4.1 Personagens reais

Os personagens serão trabalhados a partir do espaço em que estão inseridos. As locações e os espaços de convivência e de circulação de Camafeu de Oxóssi na cidade serão retomados. A idéia é que os depoimentos sejam captados no meio das ações como encontros, conversas, visitas, caminhadas pelas ruas. A busca da memória está sempre em movimento, vivifica-se a memória. Os momentos de pausa, suspensão e distensão serão observados para favorecer a interação entre os personagens e a complementação das histórias recordadas. A câmera, nesses momentos, estará sempre atenta, presente na cena, acompanhando as inflexões, as pausas, com liberdade para trabalhar os espaços do ambiente e a conversa/ação que acontece.

Antônia, esposa de Camafeu, depoimento central de recordações das histórias de Camafeu, como um perfil a ser traçado por ela mesma, conforme suas recordações da época.

4.2 Lugares/ paisagem

As paisagens das cidades emolduram esse trabalho. As ruas do Centro Histórico de Salvador e outros espaços como a Barroquinha, a Ladeira da Montanha, e outros espaços urbanos são elementos recorrentes na estrutura narrativa do filme. Nossa proposta de abordagem busca encontrar imagens que funcionem como filtros que se justapõem e indicam a temporalidade, evocando as camadas da memória. A textura dos conjuntos arquitetônicos de Salvador será explorada com esmero plástico por uma câmera contemplativa, operada por meio de movimentos suaves e deslizantes.

Assim, serão evocados na narrativa lugares nos quais o personagem manteve uma estreita vivência durante grande parte de sua trajetória de modo que

surgirão como imagens de pano de fundo cobertas pelos depoimentos de alguns episódios ocorridos nestes lugares.

4.3 Produtos imateriais da ação humana (memória)

Os relatos servirão como estratégia principal de apresentação do personagem. Nesse caso personagem, espaços arquitetônicos, e materiais iconográficos se complementam. As inflexões serão observadas. As lacunas serão preenchidas pelas falas dialogadas e, nessa complementação, há espaço para a imaginação do espectador ser acionada e transitar nos territórios percorridos.

4.4 Materiais de arquivo

As fotos ilustram aspectos que serão narrados; a convivência de Camafeu no Mercado, no restaurante, e ao lado dos amigos. Aparecerão de forma a ilustrar os depoimentos e o material audiovisual será usado trechos do documentário “*Na Casa do Rio Vermelho* (sobre Jorge Amado), em que Camafeu surge no Restaurante ao lado do escritor, e do documentário, *Filhos de Gandhy*, onde o diretor do Bloco cita e descreve a história de Camafeu junto ao mais famoso bloco de afoxé da Bahia. A sonoridade do documentário será retirada das composições de sambas feitas por Camafeu, ressaltando o som do Berimbau no qual ele era um mestre.

5. Sugestão de Estrutura do Roteiro para Documentário

Seqüência 1

Camafeu nasce Ápio Patrocínio

INT. – ANTIGA CASA DE CAMAFEU

Esposa de Camafeu, Antônia, fala sobre a infância e adolescência do personagem.

Texto narrativo

Ápio Patrocínio da Conceição nasceu no dia 04 de Outubro de 1915, em Salvador, na Rua de Gravatá, situada nas proximidades do bairro da Barroquinha e Baixa dos Sapateiros. Seu pai, Faustino José do Patrocínio, trabalhava como mestre pedreiro, faleceu quando Ápio ainda tinha sete anos. A mãe, Maria Firmina da Conceição, vendia quitutes em um tabuleiro, na Baixa dos Sapateiros. Costumava contar as histórias de sua infância e de quando saía para auxiliar a mãe nas vendas dos doces. Sempre ocupada com o trabalho no seu tabuleiro, não havia tempo para acompanhar a educação de dezesseis filhos, então prevenia os vizinhos: “- Se encontrar esse menino fazendo arrelia, pode bater.” Se referindo a Ápio que ainda garoto, “apanhava sem saber de quem” (REALIDADE, 1970).

Não freqüentou a escola quando criança, mas estudou durante três meses na Escola de Aprendiz de Artífice, criada em 1910 instalada no Largo dos Aflitos, voltada ao ensino de profissões. Era chamada na época “Escola do Mingau”, porque todos os dias havia distribuição de mingau na própria escola, e isso é que atraía a maior parte dos alunos, além de ser a distribuição de merenda na Escola, uma novidade na cidade de Salvador. Não deu continuidade aos estudos devido às diversas dificuldades da época.

Seqüência 2

Camafeu nasce Àpio Patrocínio. O que significa o nome Camafeu?

INT. – ANTIGA CASA DE CAMAFEU

(Voz. Off) “ porque Ápio Patrocínio da Conceição não existe, é um apelido que puseram nele quando nasceu”. (AMADO, Jorge. Fatos e Fotos, 1976).

Antônia fala da história do nome que Camafeu recebeu.

Texto Narrativo

Desde cedo passou a acreditar que havia uma força superior que era dada por Oxóssi, com intuito de protegê-lo. Esta fé foi adensada quando num dia, caminhando com outros garotos no Pelourinho encontrou uma pedra verde, semelhante a uma jóia. Desde então, se tornou guardião dela. Primeiro por se assemelhar uma jóia, ela parecia mesmo um Camafeu. E segundo, por acreditar que Oxóssi teria a colocado em seu caminho, devido à cor verde, que para o sincretismo na nação Ketu, é a cor que representa a divindade e por acreditar que este era seu protetor. Por isso, fez uma relação entre a pedra que havia encontrado e o sinal enviado pelo Orixá. Foi por este motivo também, que recebeu dos amigos o apelido de Camafeu: pela história da pedra encontrada. Além disso, devido ao filme em série Camafeu Amarelo, que era exibido durante a década de 30. O herói do filme usava camafeu - a jóia – e tinha tanta sorte que logo viram nele a personificação do negro Ápio Patrocínio da Conceição, que ao apelido acrescentou o “de Oxóssi”, em homenagem ao seu protetor.

(Voz Off) “Um dia jogando castanha com o Chico Pantera, ganhei todas as partidas e como a turma ficou muito impressionada com minha sorte, começou a me chamar de Camafeu. O Oxossi só veio depois da ligação com o candomblé”. (REVISTA REALIDADE, 1970, Camafeu).

Corte

Seqüência 3

A religiosidade O sentido de Oxóssi

EXT. Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá

Texto narrativo

Na época Camafeu freqüentava o terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, que significa “casa de Afonjá”, era sobrinho de Mãe Aninha fundadora do terreiro, antecessora de Mãe Senhora. Foi um Obá de Xangô (Ministro de Xangô), esse título foi criado por mãe Aninha como título honorífico que designava os protetores do Terreiro. A mesma casa freqüentava o artista plástico Caribé, e o escritor Jorge Amado, com quem manteve uma longa amizade, e costumava chamar de “meu irmão”. Ambos também possuíam o título de Obá.

(Voz Off) “Oxóssi, o deus dos caçadores, teria sido irmão caçula ou filho de Ogum...pois como Ogum ele protege os caçadores, torna a suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante...os iniciados usam colares de contas azul-esverdeados e quinta-feira é o dia da semana que lhe é consagrado. Seu símbolo é como na África, um arco e flecha forjado...” (Verger, 1981).

Seqüência 4

Camafeu personalidade baiana

Ext/int. Mercado Modelo

Texto Narrativo

A fama de Camafeu cresceu com a do Antigo Mercado, os boxes de sua propriedade eram os mais freqüentados por turistas, professores, embaixadores e intelectuais e Camafeu se multiplicava para atender a todos com a mesma cordialidade, o que lhe conferiu muitas amizades e admiradores, tendo sido considerado na época por “embaixador do turismo baiano”. Entre amigos e visitantes estavam o escritor Jorge Amado, o artista plástico Caribé, este último que dera uma estética original a barraca de Camafeu, ao pintar motivos baianos no boxe, uma surpresa ao amigo que não estava presente no dia.

Seqüência- 5-

Camafeu e a culinária baiana-africana

INT- Cantina da Lua/Pelourinho

Conversa com Clarindo Silva, dono do restaurante Cantina da Lua.

(Voz Off) “Camafeu me conta que vai ser dono de restaurante... estará agora, com seu berimbau e sua picardia, seu riso largo e sua voz molhada, em meio à riqueza e à cor da comida baiana, servindo vatapá e alegria. Ao lado da esposa Toninha, de fala mansa, de face terna e firme vontade, lá se vai Camafeu pelos caminhos da Bahia. Invencível com seu santo guerreiro. Vir à Bahia e não ver Camafeu é perder o melhor da viagem. Ele é um Obá, um chefe, um mestre. A barraca de Camafeu é ponto de reunião, é mesa de debates, é conservatório de música. Na cidade de Salvador a cultura nasce, se forma e se afirma em bem estranhos lugares, como, por exemplo, uma barraca de mercado.” (AMADO, Jorge, Inauguração do restaurante).

Texto Narrativo

Camafeu recebeu do então Governador Antônio Carlos Magalhães, o restaurante no 1º andar do Mercado Modelo. O governador já havia recebido uma proposta de compra, porém achou por bem presenteá-lo a Camafeu, que na época já era barraqueiro no Mercado.

O restaurante Camafeu de Oxóssi, juntamente com o Maria de São Pedro, foi um dos responsáveis pela internacionalização da comida baiana, e pelo status que possui atualmente. A culinária baiana adquiriu renome, através dos pioneiros das moquecas desta região.

Em 1972, matéria no Jornal da Bahia, “na cozinha do Restaurante de Camafeu, as quituteiras preparam o caruru, vatapá, moquecas e outras iguarias com entusiasmo”.

Insert - fotografias da época do restaurante **Camafeu de Oxóssi**

Sequência- 6

Território de Camafeu

Imagens Mercado Modelo, as barracas e os objetos ali dispostos.

(Texto Narrativo)

“Quem visita não vê o grupo, apenas ouve o som que se eleva afinado sobre as fileiras de pequenas lojas. Em cada boxe se comprimi uma infinidade de artigos: berimbau e atabaques, colares e pulseiras de todos os tipos e cores, velhas e desbotadas imagens de santos, cestas e bolsas e chapéus e fibras, balangandãs de prata e de lata barata, figuras de ferro e de Barro, apetrechos para os ritos do candomblé, bonecas vestidas de baiana. Parte da riqueza do folclore, da religião e dos costumes da Bahia encontra-se neste pequeno e abafado território”.

O Mercado Modelo era visita obrigatória de quantas personalidades passaram pela Bahia, tinha dimensão internacional, local que, segundo Nilda Spencer, atriz e antiga professora da Universidade Federal da Bahia, “quando a gente queria encontrar uma pessoa, era só ir no sábado ao Mercado Modelo: estava todo mundo lá”. (Revista Realidade, 1970, p.150).

Seqüência 7

CAMAFEU - Dois mundos se cruzam - popular e o erudito

Texto narrativo

No Mercado Modelo ele começa a cantar música de capoeira e llexá, tocando berimbau, ensinando aos turistas como tocar o instrumento e atraindo a clientela. Na sua Barraca São Jorge, cercado de objetos rituais de Obis e Orobôs, ele contava os mistérios da Bahia.

O Cantor Vinicius de Moraes, em outubro de 1974, inaugurou uma casa em Salvador, durante a festa Camafeu fez um samba para o poeta.

(Voz Off) “Nunca é demais fazer uma visita a Vinicius de Moraes/ Vinicius um grande poeta e compositor que Oxalá abençooou”/ Com sua Jessé, Jessé idolatrada ele se imortalizou”.

Inspiração de Martinho da Vila

Conversa com Martinho da Vila

Camafeu gravou uma canção com o cantor e compositor Martinho da Vila, a música fez parte do álbum de Martinho, “Memórias de Um Sargento de Milícias”, no ano de 1971. A música foi composta durante uma viagem de barco na Baía de Todos os Santos.

INSERT. da letra da música (som) em seguida conversa com Martinho da Vila.

Camafeu/
Cadê Maria de São Pedro/
Foi passear e o passeio de Maria/
Fez a Bahia chorar /
Camafeu

Cadê você/
Tô em todo lugar/
Só vendendo buginganga/
No mercado popular/

Personagem de Jorge Amado

(Voz Off) “Camafeu é a Bahia. Assim, se escrevo sobre a Bahia, ele tem de estar presente. Isso sem falar que somos irmãos de santo, que é como se fôssemos irmãos de sangue. Ele é Camafeu de Oxossi, e eu também sou de Oxossi. Em meus livros, ele aparece sempre como Camafeu, porque Ápio Patrocínio da Conceição não existe, é um apelido que puseram nele quando nasceu”. (AMADO, Jorge. Revista Fatos e Fotos Gente, 1976).

Camafeu surge como personagem em alguns livros do escritor Jorge Amado.
(Insert textos dos livros Sumiço da Santa, Pastores da Noite, Dona Flor e seus
dois maridos e Bahia de todos os santos).

Seqüência 8

Um encontro entre o REI CAMAFEU e a RAINHA DA INGLATERRA

Texto Narrativo

A visita da Família Real Inglesa em 1968 ao Mercado Modelo, contribuiu ainda mais com a lenda em torno de Camafeu de Oxóssi. Comentava-se na época, entre aqueles que não participaram da cerimônia, que Camafeu é quem “organizara tudo”, inclusive de que havia corrido uma lista para o presente, quando souberam da visita da comitiva real, e da intenção de visitarem o Mercado. Elizabeth fez uma visita de doze minutos e os comerciantes presentearam com um porta jóias de jacarandá e um colar de penças de balangandãs, com onze peças típicas da Bahia, o qual não foi entregue as mãos da convidada, pois o protocolo real não permitia: o presente foi passado às mãos do governador que o entregou a Elizabeth. A réplica do famoso artefato presenteado a rainha passou a ser procurada por todos que costumavam visitar o Mercado. Atualmente, ainda é uma das lembranças mais compradas nas lojas do Mercado Modelo.

Quando esteve com a Rainha Elizabeth, Camafeu não lhe fez reverência, estendeu a mão e cumprimentou-a sob os olhares atônitos e inquietos da comitiva real. Imediatamente o constrangimento de todos foi quebrado porque Camafeu começou a cantar um samba que veio naquele instante:

(Voz Off)

“Sua Majestade Rainha Elizabeth/

Vossa visita muito nos honrou,/

Em colocar no seu roteiro/

A igreja de São Francisco,/

Museu de Arte Sacra, Mercado/

Modelo de Salvador.

Texto Narrativo

Admirada com o samba, a rainha pediu que aqueles versos fossem copiados e traduzidos para o inglês “porque esse tipo de homenagem diz muito mais que muitos presente e honrarias”.

Seqüência – 9-

Camafeu e a sua produção artística: grava disco de capoeira

INT. Sede do Bloco Filhos de Gandhy

Conversa com diretor do Bloco Filhos de Gandhy sobre Camafeu e o período em que fazia parte na década de 70.

Texto narrativo

Desde cedo, já freqüenta as rodas de samba, fazendo modinhas, sambas de roda e samba de improviso. Tocava pandeiro e chegou a ser diretor das escolas de samba de Salvador, Embaixada do Amor, Vizinha Faladeira, Gato Preto, onde aproveitava para cantar seus sambas.

Camafeu gravou um LP de músicas de solo de berimbau para capoeira. *Camafeu de Oxossi-Lp-Continental (selo original) 1960*, Reeditado três vezes. Camafeu viajou para a gravação do disco, realizada no Rio de Janeiro, nos dias em que ficou na casa de um amigo de Jorge Amado e Zélia Gattai.

Foi diretor do Bloco Filhos de Ghandy no ano de 1976 a 1982, e segundo o atual presidente do grupo, foi nesse período que artistas como os cantores Gilberto Gil, e Martinho da Vila, passaram a homenagear o Bloco.

Seqüência 10.

CAMAFEU e seu Amor

Ext./Int. – Chácara Camafeu de Oxossi – São Gonçalo

Conversa com Antonia esposa de Camafeu

Texto narrativo

Camafeu conhece Antônia Conceição na cidade de São Gonçalo dos Campos, interior da Bahia onde vivia, no dia 15 de agosto de 1954, apresentado por amigos em comum. Casam-se nove meses após, e permanecem por 40 anos. Camafeu não tinha vivos parentes próximos. De forma que Antônia e os filhos que criaram desta relação foram por toda vida sua única família. Não tiveram filhos biológicos. Criam Jorge e Francisco, sobrinhos de Antônia.

Insert – Fotos de Camafeu de Oxóssi.